

II. A fala do corpo

*As emoções são como a centelha da vida,
aquilo que nos leva à ação.*
(António Damásio, *O erro de Descartes*)

1.

A vídeo-exposição de Carrie Schneider apreende o momento em que mulheres, mesmo em um ambiente propenso à quietude e ao relaxamento, têm inúmeras reações corpóreas, como os batimentos cardíacos levemente acelerados, devido ao seu envolvimento com o ato de ler ficção literária. Embora essa captura revele as suas reações corporais, permanece indefinido se elas têm consciência das alterações de seu corpo na leitura. Emerge igualmente a questão de como tornar estas reações relevantes para a produção de conhecimento em Histórias Literárias.

A compreensão do potencial cognitivo dos processos afetivos encontra apoio principalmente nas pesquisas de António Damásio, um dos mais respeitados neurocientistas da atualidade, que contribui decisivamente para o entendimento da relação interdependente e retroalimentada entre corpo e mente, afetos e razão, permitindo a ampliação do espaço dado ao corpo em esferas disciplinares antes dedicadas prioritariamente ao raciocínio e à lógica. Nesse sentido, por abrirem espaço para o corpo e suas reações, Damásio, assim como outros neurocientistas, oferecem uma orientação para a construção de modelos teóricos e analíticos interessados na atuação desses afetos. A História Literária, particularmente, beneficia-se dessa orientação porque, embora existam experimentos atentos à presença das reações corporais na sua própria elaboração teórica e prática, sua atuação ainda ocorre de forma irregular. Uma sistematização e elaboração dessa presença possibilita a ampliação das bases do campo, em vista do descompasso de seus pressupostos norteadores e a criatividade presente na elaboração de experimentos de historiografia literária atuais.

Neste capítulo, a partir das investigações de António Damásio e de outros estudiosos interessados pelo tema, explicito as definições, os mecanismos e as funcionalidades das reações corporais para a existência humana e para a produção de conhecimento. Através dessa análise, torna-se possível enriquecer a produção de

conhecimento do campo da historiografia literária pelo desenvolvimento de repertórios teóricos e analíticos capazes de contemplar a afetação decorrente do contato com ficções literárias, mas que ainda permaneciam, de certa forma, invisíveis, inacessíveis e inexplicáveis.

2.

A avaliação das contribuições das Neurociências para a História Literária requer o entendimento daquele campo de estudo e de seus principais métodos, permitindo leituras críticas de suas propostas e hipóteses. Segundo o pesquisador de doenças mentais e psicótropas Alain Ehrenberg, em “O sujeito cerebral” (2009), as Neurociências são um agrupamento de disciplinas interessadas em conhecer o cérebro em ação, fundindo conhecimentos sociais, cerebrais e mentais. Elas não se centram apenas no funcionamento biológico do cérebro, nem nos fenômenos mentais, mas integra-os a fim de compreender a condição humana em sociedade (EHRENBERG, 2009, p. 188). Para Ehrenberg, fazendo referência ao ganhador do prêmio Nobel de Fisiologia e de Medicina em 2000 Erik R. Kandel, “a maioria dos biólogos está convencida de que o espírito será, para a biologia do século XXI, o que o gene foi para a biologia do século XX” (p. 187). Os avanços técnicos que permitem ver o “cérebro em ação” auxiliam não apenas no progresso de tratamentos de patologias mentais, mas igualmente anunciam “o surgimento de uma biologia da consciência ou do espírito. Saídas do gueto da especulação metafísica, estas noções são doravante objeto de numerosas experiências de laboratório” (p. 188). Dentre os diversos interesses das Neurociências, um ramo de importância crescente é o das Neurociências Afetivas, interessadas em conhecer a fisiologia das emoções a partir da análise de seu substrato neural (DAVIDSON; SUTTON, 1995, p. 217). Este campo fornece explicações biológicas para atitudes e características humanas, até então, consideradas pessoais ou mesmo místicas e espirituais.

Sobre os métodos de pesquisa aplicados nas Neurociências, António Damásio destaca, em “Introduction: Of Minds and Brains” (1990), a utilização dos métodos da lesão, que compara o desempenho em experimentos entre pacientes com e sem

distúrbios neurológicos; da electrofisiologia, dedicado ao estudo das propriedades elétricas em células e tecidos; e da imagem dinâmica, responsável pela produção de imagens de áreas do cérebro. Destes, Damásio privilegia o método da lesão, que permite analisar estruturas cerebrais *in vivo* em imagens de tomografia, de ressonância magnética e de eletroencefalograma, e sua articulação com dados recolhidos em entrevistas com pacientes e com a observação de comportamentos comprometidos. Trata-se de um método amplamente utilizado nas Neurociências em estudos sobre visão, linguagem e memória, com significativos avanços devido aos recentes desenvolvimentos técnicos.

Em *O mistério da consciência* (2000), Damásio ainda destaca a importância da possibilidade de se reconstruir tridimensionalmente o cérebro de pacientes vivos, com dados brutos ao mesmo tempo em que são observados seus comportamentos. Esse avanço permite a avaliação de alterações na atividade de determinada região cerebral por meio de tomografia por emissão de pósitrons (ou PET), em que imagens são criadas a partir da perfusão sanguínea e de oxigênio, e por ressonância magnética funcional (ou fMRi), que detecta o fluxo sanguíneo em atividades mentais. Sua relevância também decorre da possibilidade de analisar alterações na condutância elétrica medida na pele, as mudanças em potenciais elétricos e campos magnéticos relacionados, mensurados no couro cabeludo, ou mesmo alterações em potenciais elétricos medidos na superfície cerebral durante uma cirurgia. Damásio enfatiza que apenas a aplicação de novos métodos não é suficiente para compreender as possibilidades de encadeamentos complexos entre funcionamento cerebral, mente privada e comportamento público. Tais encadeamentos podem ser ampliados pela conexão como novas áreas de conhecimento dedicadas à compreensão da neuroanatomia e da função do sistema nervoso, como efetuado por neuroanatomistas, neurofisiologistas, neurofarmacologistas e neurobiólogos experimentais, que estudam eventos moleculares no interior de células nervosas (DAMÁSIO, 2000, p. 30).

Para além dos avanços técnicos, a estudiosa de Ciências Cognitivas Giovanna Colombetti, propõe em “Some Ideas for the Integration of Neurophenomenology and Affective Neuroscience” (2013) a necessidade de desenvolvimento nos métodos de

primeira pessoa, baseados na auto-observação do participante de pesquisas neurocientíficas. Ela destaca a importância de articular esses dados aos obtidos através de métodos da segunda pessoa, baseados na interação entre paciente/sujeito e um entrevistador que guia o processo de autoanálise para entender as atividades corporais e cerebrais envolvidas na experiência e na consciência.

Uma vez que estudos sobre afetos dependem da interpretação de respostas corporais a estímulos, a hipótese de Colombetti se baseia na concepção que a integração entre autoanálise e entrevistas, combinando-as com dados resultantes de processos tecnológicos como a ressonância magnética, oferece respostas efetivas diante da “bodily nature of emotions” (COLOMBETTI, 2013, p. 295). Este método, ainda que não respaldado inteiramente em pesquisas empíricas, encontra apoio na proposta de Damásio em que os estudos sobre afetos se caracterizam precisamente pela atenção ao inter-relacionamento entre corpo e mente.

O conhecimento desses métodos de pesquisa visa a demonstrar como as Neurociências possuem determinados paradigmas de análise, variáveis em face dos desenvolvimentos técnicos e da natureza do que está sendo investigado. No método da lesão, por exemplo, é possível questionar o que são funcionamentos e comportamentos normais. De qualquer forma, a análise de dados objetivos do funcionamento cerebral, da medição de níveis químicos e de sinais elétricos, vinculados ao conhecimento de sensações corporais obtidas por meio de auto-observação e entrevistas, delineia a noção de afeto subjacente nessa área de saber. Contrariando o sentido usual, que os vinculam a reações apenas subjetivas e pessoais, ao definir emoções como “ações ou movimentos, muitos deles públicos, que ocorrem no rosto, na voz ou em comportamentos específicos” (DAMÁSIO, 2004, p. 35), Damásio foca nas alterações no funcionamento do corpo e da mente, assim como a sua funcionalidade para a espécie humana, tornando-os passíveis de serem analisados.

3.

Damásio tem publicado consistentemente sobre o funcionamento e importância de emoções e sentimentos, unindo reflexões filosóficas com resultados de

experimentos obtidos a partir de pesquisas científicas. Sua investigação parte do pressuposto de que, além do funcionamento biológico, as reflexões suscitadas pelas Humanidades são suas aliadas no entendimento da relevância de afetos na vida humana. Em seu primeiro livro, *O erro de Descartes* (1996), baseado na observação de pacientes neurológicos com dificuldades na tomada de decisões e distúrbios da emoção, António Damásio estabelece a contundente hipótese, “(conhecida como hipótese do marcador somático) de que a emoção era parte integrante do processo de raciocínio e poderia auxiliar esse processo, ao invés de, como se costumava supor, necessariamente perturbá-lo” (DAMÁSIO, 1996, p. 6). Em outras palavras, trocando o “penso, logo existo” de Descartes, pelo “sinto, logo existo”, o autor destaca a retroalimentação entre processos emocionais e racionais, desfazendo uma hierarquia que colocava a razão em nível superior à emoção, além de demonstrar a importância das emoções para a sobrevivência humana. Seu mais significativo exemplo consiste na análise do caso de Phineas Gage, sobrevivente de um terrível acidente que danificou parte do seu cérebro, deixando-o com sequelas que impediam sua plena vida em sociedade. Baseado nos dados coletados em sua investigação, Damásio percebe que a incapacidade de manter compromissos sociais e de fazer escolhas não se devia ao comprometimento de áreas do cérebro responsáveis pela capacidade lógica e de raciocínio, intactas pelo acidente. Os danos que comprometeram o córtex pré-frontal, nas superfícies ventrais e internas dos dois hemisférios do cérebro afetaram a sua capacidade de sentir emoções e sentimentos. A partir da definição de sentimentos como a “percepção direta de uma paisagem específica: a paisagem do corpo” (p. 14), isto é, quando o funcionamento do corpo é percebido como alterado no contato com estímulos, Damásio explica que essas informações são mapeadas pelo cérebro e ajudam na tomada de decisão diante da circunstância apresentada. Por exemplo, andar em uma rua escura e deserta afeta o corpo ao gerar calafrios, tremores, arrepios. Esses afetos, quando mapeados e construídos em imagem pelo cérebro, são percebidos como o sentimento de medo, decorrente daquela situação desconfortável. Esses aspectos afetivos emergem incontrolavelmente e decorrem do contato com determinados eventos, ressaltando-se a necessidade de circunstâncias específicas, reais ou

imaginadas, que levem à percepção de determinada emoção. Damásio conclui, a partir disso, que o corpo, “tal como é representado pelo cérebro, pode constituir o quadro de referências indispensáveis para os processos neurais que experimentamos como sendo a mente” (p. 16). Assim, o nosso corpo é a referência para as interpretações que fazemos do mundo e não a realidade externa absoluta por si, referências estas interpretadas pelo cérebro. O erro de Descartes, na análise de Damásio, foi separar corpo e mente, tratando o corpo e tudo o que a ele é ligado como menor e desnecessário. A correção desse erro contribui para melhor compreensão dos conflitos humanos, permitindo igualmente explorar mais eficazmente a relação entre biologia e cultura (p. 10). Com base nisso, esta tese se beneficia largamente da descoberta de Damásio uma vez que ela fornece explicações para as reações afetivas experienciadas no contato com uma ficção literária. Em vez de serem vistas como uma resposta subjetiva, pessoal e privada, a aceleração dos batimentos cardíacos no contato com uma situação imaginada, por exemplo, consegue ser explicada como sendo uma resposta automática do indivíduo àquele estímulo, tendo como objetivo preparar seu corpo a agir de forma eficaz à situação descrita, transformando aquela afetação involuntária em uma forma de entendimento da narrativa em questão.

Em *O mistério da consciência* (2000), Damásio desenvolve um pouco mais sua hipótese sobre a relação entre corpo e mente relacionada à sua proposta de compreensão da consciência através do exame de circunstâncias biológicas, permitindo compreender a “transição da inocência e ignorância para o conhecimento e auto-interesse” (DAMÁSIO, 2000, p. 17). Nas suas palavras,

eu compreendia razoavelmente bem como diferentes emoções eram induzidas no cérebro e representadas no teatro do corpo. Também podia imaginar como a indução de emoções e as consequentes alterações físicas que em grande medida constituem um estado emocional eram sinalizadas em várias estruturas cerebrais apropriadas para mapear essas alterações, constituindo, assim, o substrato para o sentimento de uma emoção. Mas não conseguia entender como o organismo portador da emoção podia *tornar-se ciente* daquele substrato cerebral do sentimento (DAMÁSIO, 2000, p. 23).

No seu modelo de análise, a compreensão da consciência envolve o entendimento de como o cérebro humano engendra padrões mentais denominados “imagens de um objeto”, definindo objeto como entidades “tão diversas quanto uma pessoa, um lugar, uma melodia, uma dor de dente, um estado de êxtase” (p. 25) e imagem como “um padrão mental em qualquer modalidade sensorial, como, por exemplo, uma imagem sonora, uma imagem tátil, a imagem de um estado de bem-estar” (p. 25). Nessa proposta, as imagens comunicam tanto as características de objetos quanto as reações afetivas a eles no interior do organismo. Além disso, a consciência consiste na percepção da própria presença consciente de um sujeito que se observa no ato de produzir conhecimento, ocasionando uma questão dupla diante do fenômeno da consciência: “como o filme no cérebro é gerado e como o cérebro também gera o senso de que existe alguém que é proprietário e observador desse filme” (p.28). Nesse sentido, ao enfatizar a importância da interação entre objeto e organismo, Damásio percebe uma assimetria na biologia da consciência, uma vez que partes do cérebro mapeiam o mundo circundante enquanto outras focam no próprio estado do organismo que observa esse mundo e nas alterações sofridas pelo contato com o mundo. Na sua teoria, a consciência surge precisamente através desses mecanismos de representação do próprio organismo alterado por um objeto.

O neurocientista, no entanto, distingue ter consciência de sentir, citando como exemplo o fato de que, em algumas situações, um estado de ansiedade ou inquietude pode ser experienciado antes que se tome conhecimento desse fato (p. 56). Nesse sentido, há a existência de três estágios concatenáveis em um *continuum*:

um estado de emoção, que pode ser desencadeado e executado inconscientemente; *um estado de sentimento*, que pode ser representado inconscientemente, e *um estado de sentimento tornado consciente*, isto é, que é conhecido pelo organismo que está tendo emoção e sentimento (DAMÁSIO, 2000, p. 57).

Sobre as emoções, que são essas reações químicas e neurais do corpo diante de um objeto, ele aborda-as como inconscientes, incontrolláveis, embora moldáveis pelos diferentes sistemas culturais, uma vez que cada contexto possui indutores para tipos de emoções diferentes. Elas são mecanismos biorreguladores que auxiliam à sobrevivência por preparar o organismo para reagir à determinada situação, real ou

imaginada, sem que o sujeito precise refletir conscientemente. A passagem da emoção para o sentimento ocorre quando as reações corporais são mapeadas e a mente cria uma imagem daquelas alterações. A sua importância deve à ampliação do alcance da emoção, facilitando o planejamento de reações. Damásio ainda explicita sua perspectiva sobre subjetividade:

A ideia de que as experiências subjetivas não podem ser cientificamente acessadas é absurda. Entidades subjetivas requerem, como as objetivas, que um número suficiente de observadores faça observações rigorosas segundo uma mesma formulação experimental, que se verifique a consistência das observações de cada um deles e que elas se prestem a algum tipo de mensuração. Ademais, o conhecimento obtido com base em observações subjetivas, por exemplo, percepções introspectivas, pode inspirar experimentos objetivos, e, não menos importante, experiências subjetivas podem ser explicadas sob a óptica do conhecimento científico disponível (DAMÁSIO, 2000, p. 390).

Nesta ótica, o que comumente se chama de subjetividade é fruto de processos biológicos complexos, baseado na integração da relação entre observador e objeto observado, auto-observação das alterações do sujeito, memórias implícitas e memórias autobiográficas. Na perspectiva de Damásio não há um sujeito soberano, totalmente ciente e racional, mas que seu relacionamento com o mundo depende da interação de aspectos afetivos, racionais e ambientais, aspectos biológicos e culturais.

Ao concluir que “a consciência começa como um sentimento” (p. 394), ou seja, é preciso a existência de um corpo mapeando suas alterações a fim de que possa se ver como presente e ciente em determinada situação, Damásio adiciona novas camadas de entendimento para a atuação de afetos em processos cognitivos. A consciência humana, que possibilita questões sobre quem somos e como interagir com o mundo, depende da atenção ao corpo e suas reações no contato com objetos externos ao mesmo. As reações corporais na leitura de ficções literárias fazem parte de suas reflexões teóricas, uma vez que é a partir da interação entre objeto e organismo que tudo começa, que uma pesquisa se desenvolve.

No seu livro *Em busca de Espinosa* (2004), Damásio se dedica exclusivamente ao funcionamento dos sentimentos e das emoções. Baseado em técnicas da neuroimagem, aliando-as com outros métodos da neuroquímica e da observação do

comportamento social, seu objetivo consiste na criação de imagens da anatomia e da atividade do cérebro humano a fim de “elucidar a teia de mecanismos que permitem aos nossos pensamentos desencadear estados emocionais e construir sentimentos” (DAMÁSIO, 2004, p. 14). Sua primeira abordagem é pela diferenciação entre as emoções, definidas como “ações ou movimentos, muitos deles públicos, que ocorrem no rosto, na voz ou em comportamentos específicos” (p. 35), podendo ser visíveis, como um arrepio, ou invisíveis a olho nu, como a elevação do fluxo sanguíneo; e os sentimentos, que são necessariamente invisíveis a olho nu, sendo uma imagem mental (p. 35). Em sua definição, “as emoções ocorrem no teatro do corpo. Os sentimentos ocorrem no teatro da mente” (p. 35). A funcionalidade das emoções é a “de avaliar o ambiente que nos rodeia e reagir de forma adaptativa” (p. 62). Ele indica a possibilidade de se modular reações emocionais a partir da avaliação de um objeto e suas reações afetivas, juntamente com o aparelho da mente consciente. O sentimento, por ser “a representação mental do corpo funcionando de certa maneira” (p. 91), possui conteúdo relacionado à representação de um estado muito particular do corpo.

As emoções podem ser classificadas como emoções de fundo, como a lassidão e o entusiasmo, podendo ser percebida em manifestações corporais sutis como movimentos dos membros, expressão fácil e em mudanças na prosódia, no ritmo da voz, resultantes do desencadeamento simultâneo de diversos processos regulatórios no organismo (p. 37). Existem ainda as emoções primárias ou básicas, como medo, raiva, nojo, surpresa, em que geralmente seus indutores são comuns a várias culturas e as emoções sociais, que incluem simpatia, compaixão, embaraço, vergonha, ciúme, surgidas da integração de emoções primárias com numerosas reações regulatórias. A partir dessa diferença, Damásio constata que há emoções inatas e outras adquiridas a partir da exposição a ambientes específicos (p. 40). Em comum, essas emoções são ligadas à saúde do organismo, uma vez que “sem nenhuma exceção, todos esses fenômenos se relacionam com correções adaptativas do estado do corpo e levam finalmente a mudanças no mapeamento dos estados do corpo” (p. 42).

A passagem da emoção para sentimento é descrita como um processo que se inicia com um estímulo singular e termina com o estabelecimento de bases para o

sentimento relacionado com aquele estímulo. Este processo se espalha lateralmente e envolve cadeias paralelas ao relacionar a percepção de um estado do corpo a temas consonantes com esse estado e pela percepção de um certo modo de pensar (p. 66). Há também uma ampliação levada pela memória de estímulos relacionados, os estímulos adicionais. Esses estímulos adicionais podem levar a uma modificação ou continuação na emoção. Assim, “em relação ao estímulo inicial, a continuação e a intensidade do estado emocional estão à mercê do desenrolar do processo cognitivo” (p. 72). Em outras palavras, há primeiro um estímulo que gera reações emocionais no corpo. Essas reações são mapeadas pelo cérebro e são unidas a memória de estímulos adicionais, levando à emergência de determinado sentimento ligado àquela emoção ou à modificação da emoção através dos estímulos adicionais. Os sentimentos não podem ser considerados percepções passivas, “um relâmpago que desaparece da nossa vida” (p. 99). Uma vez instalado um sentimento, ele recruta o corpo dinâmica e repetidamente, durante vários segundos ou minutos, correspondendo a dinâmicas variações na percepção (p. 99).

Ressalta-se que o sentimento não precisa ser necessariamente ligado a um estado real do corpo, mas sim um estado dos *mapas cerebrais do corpo*. Nesse caso, o autor aponta para o exemplo da empatia, que também pode ser entendida como a simulação de certos estados emocionais do corpo, quando, por exemplo, alguém de estima sofre um acidente e o cérebro, por um curto momento, falseia um mapa cerebral e a pessoa sente como se ela própria estivesse sofrendo aquele acidente (p. 126).

Damásio, então, coteja a funcionalidade desse processo que leva da emoção ao sentimento, ligando-o a processos homeostáticos, isto é, processos de regulação da vida. Em outras palavras, emoções são respostas do corpo com a funcionalidade de manter e regular a vida. Além disso, segundo o autor, toda experiência de vida é acompanhada por algum grau de emoção, tornando emoções e sentimentos, sendo eles positivos ou negativos, componentes obrigatórios nas nossas experiências sociais (p. 157). Assim, experiências tidas ao longo da vida são categorizadas pelas emoções e pelos sentimentos a elas ligadas, agilizando as respostas àquela experiência. Além disso, sem emoções e sentimentos, o ser humano não poderia se ligar com o mundo

que o rodeia, não haveria generosidade, ou colaboração em grupo para sanar problemas (p. 169). A partir de suas pesquisas, ele também recoloca a questão do dualismo entre corpo e mente. Para o neurocientista, corpo e mente são atributos, manifestações paralelas de uma mesma substância, ou seja, “a mente humana é a ideia do corpo humano”, uma vez que os processos mentais se alicerçam no mapeamento do corpo que o cérebro constrói (p. 21). Em outras palavras, só há mente na presença de um corpo, pois a mente deriva de mapas cerebrais do estado do corpo.

A justificativa que Damásio dá para o seu estudo e que nos interessa aqui, de modo específico, é que a correta compreensão dos sentimentos é indispensável para a “construção futura de uma visão dos seres humanos mais correta do que a atual, uma visão que levará em conta todo o espetacular progresso que se tem feito nas ciências sociais, nas ciências cognitivas e na biologia” (p. 16). O valor prático dessa reconfiguração está em sua visão que “o êxito ou o fracasso da humanidade depende em grande parte do modo como o público e as instituições que governam a vida pública puderem incorporar essa nova perspectiva da natureza humana em princípios, métodos e leis” (p. 16). E, de fato, a noção tradicional de que podemos separar emoção de razão, corpo de mente, levou-nos a uma forma equivocada de produzir um conhecimento sobre o fenômeno literário, em nosso caso específico.

Cabe ressaltar que a definição de emoção de Damásio corresponde à noção de processos afetivos e reações corporais empregada nesta tese. Assim, as reações afetivas das leitoras, capturadas na exposição *Reading Women*, podem ser entendidas como se referindo às emoções experienciadas por elas, sem que elas necessariamente tenham controle ou consciência. Já o termo sentimento possui definição semelhante, correspondendo à imagem mental daquelas reações corporais, que são privadas e conhecidas apenas se as leitoras pudessem explicitar o que elas estavam sentindo no momento, baseando-se no mapeamento das alterações nos seus corpos e no que elas significam dentro de seus repertórios mentais.

Seu livro *The Strange Order of Things: Life, Feeling, and the Making of Cultures* (2018) oferece uma narrativa de como seres unicelulares evoluíram até serem capazes de desenvolver culturas complexas, baseando-se na centralidade dos

sentimentos nesse desenvolvimento. A estranha ordem das coisas, que aparece no título do livro, está em dar o necessário crédito aos sentimentos como a fagulha que motiva, monitora e negocia todos os esforços culturais humanos, contrariando a expectativa que os vinculam apenas ao intelecto, à sociabilidade e à linguagem. Para Damásio, todos esses aspectos foram importantes, mas “something else was required to jump-start the saga of human cultures. That something else was a motive. I am referring specifically to feelings, from pain and suffering to well-being and pleasure” (DAMÁSIO, 2018, p. 4).

O papel primordial dos sentimentos reside no fato que “feelings are the mental expressions of homeostasis, while homeostasis, acting under the cover of feeling, is the functional thread that links early life-forms to the extraordinary partnership of bodies and nervous system” (p. 6). Nesse sentido, os sentimentos negativos expressam o funcionamento deficitário de processos homeostáticos, enquanto o seu funcionamento adequado corresponde a sentimentos positivos. Para Damásio, a homeostasis “ensures that life is regulated within a range that is not just compatible with survival but also conducive to flourishing, to a projection of life into the future of an organism or a species” (p. 25). Através do entendimento que processos homeostáticos são variáveis, o neurocientista enfatiza a possibilidade de um ser criar consciente e deliberativamente formas de regular a vida. A construção de culturas humanas, nessa ótica, é compreendida como manifestação desta variedade criativa de homeostasis (p. 46). Em outras palavras, os sentimentos, ao mostrarem o funcionamento deficitário ou pleno de um organismo, motivam invenções intelectuais como as artes, as questões filosóficas, as crenças religiosas, as regras morais, as instituições econômicas, tecnologia, ciência.

Os sentimentos, entendidos como evolução biológica, estão associados a emergência do sistema nervoso, que ajuda a mapear o mundo ao redor, através dos cinco sentidos, mas igualmente o meio interno pela sua ligação com o corpo (p. 28). O sistema nervoso, portanto, começa como assistente do corpo, como coordenador da vida em seres biologicamente complexos (p. 66), possibilitando ao ser humano ter a habilidade de gerar imagens que representem o mundo ao seu redor e o mundo interno de cada um (p. 75). Para Damásio,

All images of the outside world are processed in nearly parallel fashion with the *affective* responses that these same images produce by acting elsewhere in the brain – in specific nuclei of the brain stem and of the cerebral cortices that are related to body state representation, such as the insular region. Which means that our brains are busy not only mapping and integrating varied external sensory sources but simultaneously mapping and integrating internal spaces, a process whose result in none other than feelings (DAMÁSIO, 2018, p. 89).

Nesse sentido, a mente humana grava imagens e as relaciona com eventos, imagens e sentimentos, sendo que a qualidade dessa “gravação” depende da atenção dada à imagem em primeiro lugar e quanto de emoção e sentimento foram gerados transversalmente no fluxo da mente (p. 93). O neurocientista afirma que “most emotions and feelings are essential to power the intellectual and creative process” (p. 101).

Outra etapa importante do desenvolvimento da mente cultural humana é a consciência, uma vez que “the universe of knowledge, current and past, that can be conjured up in a private mind only materializes to its owner when the owner’s mind is in conscious state, able to survey the contents of that mind, in his or her own subjective perspective” (p. 143). Nesse sentido, a subjetividade tem papel primordial nas experiências que possibilitaram a emergência da mente cultural (p. 144). Entendida como uma incansável construção de narrativas através da construção de imagens na mente acompanhadas da imagem dos sentimentos (149), é a subjetividade que permite que sentimentos sejam analisados como objeto de experiência consciente (p. 148) e torna as imagens mentais em algo significativo e orientador (p. 149). A consciência é um estado da mente em que se integram imagens mentais dotadas de subjetividade e suas experiências (p. 154).

Para Damásio, a complexa mente cultural humana desenvolve-se a partir da seleção natural e genética, seguido por imperativos de processos homeostáticos, pela parceria entre sistema nervoso e corpo, que auxiliou na criação da mente humana, pelo enriquecimento da mente pelos sentimentos e subjetividade, memórias e habilidade de encadear imagens em narrativa e pela capacidade de produzir e criar novas soluções para a regulação da vida (p. 71-2).

A complexidade humana, portanto, inicia-se pelos sentimentos porque foram eles que focaram a inteligência humana em determinados objetivos, potencializaram o alcance dessa inteligência e a refinaram de forma a resultar na mente cultural humana. Sentimentos e razão são inseparáveis e, “to some degree, for better and worse, feelings and the intellect they mobilized have feed humans from absolute tyranny of genes but only to keep us under the despotic rule of homeostasis” (p. 191). Como conclui Damásio, “a life not felt would have needed no cure. A life felt but not examined would not have been curable. Feelings launched and have helped navigate a thousand intellectual ships” (p. 233).

Nesse livro, Damásio fornece um modelo de integração entre corpo, mente e ambiente para a compreensão da aventura humana, tendo potencial de ser explorado no entendimento dos estudos sobre o sistema literário. Sua contribuição está em possibilitar a compreensão que uma análise histórica de uma ficção depende invariavelmente do relacionamento entre um corpo, situado em determinado contexto e passível de ter reações, e aquele objeto, sem transformar esta interação em aspecto acessório na análise. De qualquer forma, ainda cabe refletir mais detidamente sobre os fatores envolvidos em processos afetivos.

4.

Através da avaliação das investigações de António Damásio, em diálogo com outros pesquisadores interessados na relação entre corpo e mente, afeto e razão, pode-se argumentar que a atuação de reações afetivas em processos cognitivos pode ser vinculada a uma miríade de fatores. A compreensão desses fatores contribui para desmistificar tanto concepções que igualam esses processos a reações subjetivas como aquelas, por exemplo, que os analisam apenas do ponto de vista biológico, desconsiderando a influências dos estímulos e memórias.

Fredrik Tygstrup (2014) vincula afetos à necessidade de estímulos competentes para o desencadeamento de respostas corporais. Afetos operam no interior de sujeitos, mas emergem da relação com eventos ou fenômenos exteriores, requerendo, assim, a mudança do foco de análise centrada exclusivamente na psique para a situação em que

o contato se estabeleceu. De acordo com a sua definição em *Affective spaces* (2014), trata-se de uma composição complexa de elementos materiais, *scripts* sociais e protocolos, articulados em expressões volitivas, imaginárias e manifestações individuais (TYGSTRUP, 2014, p. 169). No caso específico dos Estudos de Literatura, a análise de determinadas respostas do sujeito pesquisador a certos estímulos precisa ser acompanhada pela análise dos estímulos na ocorrência das reações afetivas e da investigação do próprio contexto de recepção de fenômenos literários e culturais que influencia as reações provocadas pelo contato.

Com respeito às reações corporais, para Damásio, “a mente existe porque há um corpo que lhe fornece os seus conteúdos básicos” (DAMÁSIO, 2004, p. 218), e nesta interdependência dos dois, o cérebro e o corpo são indissociadamente integrados por circuitos neurais e bioquímicos (p. 87). A comunicação entre corpo e cérebro ocorre tanto através de sistemas neurais, quanto através de alterações bioquímicas, pois, além do sistema nervoso central ser praticamente ligado a todas as partes do corpo, “o cérebro e o corpo estão também quimicamente interligados por substâncias como os hormônios e os peptídeos, que são liberados no segundo e conduzidas pela corrente sanguínea” (p. 47).

Em sua concepção, “a alma respira através do corpo, e o sofrimento quer comece no corpo ou numa imagem mental, acontece na carne” (p. 18). Por isso, a experiência de emoções “não é uma qualidade mental ilusória associada a um objeto, mas sim a percepção direta de uma paisagem específica: a paisagem do corpo” (p. 14). Nesse sentido, a emoção é definida como um mapeamento de “paisagens do corpo”, como coleção de reações existentes no corpo após o contato com estímulos. A relação com o mundo exterior ocorre em seres complexos sempre a partir da interação corpo-cérebro. Segundo Damásio, portanto, “o mapeamento não é um processo passivo” (p. 206), uma vez que as próprias estruturas necessárias para a formação dos mapas influenciam não apenas o mapeamento, mas elas próprias são provocadas por sinais do corpo e por outras estruturas cerebrais.

Ao definir emoções em *Gut reactions: a perceptual theory of emotion* (2004), como estados interiores que ocorrem em resposta a reações corporais, Jesse Prinz não

entende as afetações do corpo como essenciais porque tais emoções podem vir sem alterações reais no corpo como ocorre em situações imaginadas (PRINZ, 2004, p. 242). Contudo, mesmo em situações não reais, essas reações ainda dependem de um engajamento através do falseamento de estados do corpo como se o evento estivesse de fato ocorrendo. Por exemplo, a anteriormente citada empatia de um sujeito com a dor de alguém provoca, por alguns momentos, a simulação de reações corporais semelhantes à do portador real da dor. Na distinção de Damásio, esta simulação é definida como *as-if body loop*, que ocorre quando reações corporais são vivenciadas a partir de estados mentais e não da experiência concreta com eventos reais. O *as-if body loop*, portanto, emerge quando as reações a estímulos se iniciam na mente, modificando estados do cérebro e informando o corpo, diferenciando-se do *body loop*, que se inicia pelas alterações no corpo, que alteram o cérebro e a mente.

No caso do *as-if body loop*, a simulação de um estado do corpo pode ser benéfica por propiciar reações mais rápidas e eficazes e permite a economia de energia e a redução do tempo no processamento de certo estado. Esse mecanismo contribui igualmente para o entendimento da ação de outras pessoas, uma vez que facultam a simulação de suas reações, o que pode ser de interesse para estudiosos de literatura porque suas reações surgidas no contato com determinadas obras ou fatos se iniciam na mente na forma de ideias e pensamentos durante esta interação, mas estimulam reações corporais. Assim, no momento em que o cérebro coordena estados fisiológicos do corpo, criando mapa de seus efeitos, essas informações são processadas no chamado *body loop*. Por outro lado, no caso do *as-if body loop*, a mente consegue simular esses mapas de estados corporais como se mudanças corporais tivessem de fato ocorrido (DAMÁSIO, 2000, p. 18). De qualquer forma, contrariando a crítica de Prinz em relação a Damásio, para o neurocientista português, as emoções terminam sempre sentidas na carne (1996), isto é, requerem reações corporais oriundas do contato, simulado ou não, com objetos ou situações e, nesta concepção, os mapeamentos das reações corporais adquirissem uma função essencial pela rápida reação e interação com estímulos competentes.

Uma análise aprofundada desses fatores – a necessidade de estímulos competentes e seu contexto de contato, assim como a emergência de reações corporais – revela que contatos e consequentes reações afetivas com objetos não são puramente subjetivos, uma vez que se baseiam em processos interativos e na capacidade de estimular reações e, nesta perspectiva, dependem simultaneamente da análise racional dos conteúdos e das reações afetivas decorrentes dos contatos.

Da mesma forma, os afetos, por serem percepções oriundas de mapeamentos de estados corporais, simulados ou não, derivam de construções interiores, o terceiro elemento de análise. A contemplação prolongada de uma pintura, por exemplo, provoca diversas emoções sem necessidade de mudanças de estímulo, ao passo que novas percepções do observador ocorrem em função de mudanças de estado pela entrada no *loop* ativado por estímulos competentes. Tais construções internas, derivadas de experiências emocionais anteriores, incluindo “its object, context, history, personal association, and so on” (HOGAN, 2011, p. 54), são frequentemente descritas como instintivas, automáticas, espontâneas, imediatas, por diversos pesquisadores¹. Os mesmos estímulos podem desencadear reações distintas por sua relação com experiências, histórias e associações anteriores aos contextos recepcionais, podendo adquirir diferentes significados. Neste quadro, afetos operam como formas de engajamento no mundo, pois são as experiências anteriores que guiam as tomadas de decisão. O caso de Phineas Gage, analisado por Damásio, ilustra de modo exemplar que a ausência de emoções, torna indivíduos incapazes de avaliar as consequências de seus próprios atos, atestando que afetos, emoções e sentimentos desempenham papéis fundamentais na definição da posição de indivíduos em seu mundo empírico. Uma análise dos componentes internos confirma a importância do papel das memórias anteriores e da história pessoal em processos interativos sociais, com reflexos especiais na comunicação literária.

Analisando as construções internas por outro viés, uma reflexão acerca dos contextos de leitura e de interpretação de produções literárias pode favorecer contatos

¹ Como aparece nos trabalhos de Katja Mellman (2002), Simon O’Sullivan (2001), Jesse Prinz (2004), Patrick Hogan (2011), Jenefer Robinson (2005).

enriquecedores ou, pelo contrário, desmotivadores com eles. Uma abordagem histórica do literário pode ser vista como um dos contextos possíveis de contato, uma vez que, dependendo dos repertórios teóricos, analíticos e metodológicos envolvidos, esta situação pode privilegiar formas de interação capazes de produzir emoções positivas, estimulando novos contatos, ou negativas, inibindo experiências futuras. Dessa maneira, uma abordagem histórica do literário que reduza possíveis fascinantes contatos com fenômenos a registros explicativos, minimizam o seu poder criativo ao apagar a atuação de afetos nos processos de sua compreensão.

Um fator nesse quadro acerca de afetos, emoções e sentimentos se refere à diferença entre afetos positivos e negativos, sintetizada por Prinz (2004) na ideia de “valência” (*valence*), em que determinadas emoções possuem valência positiva ou negativa, construídas principalmente por experiências anteriores. A valência reforça a reincidência de contatos com eventos ou fenômenos se forem positivos, ou sugere evita-los em caso negativo. Essa definição de Prinz acompanha a proposta de Damásio, que afetos e emoções ajudam a regular a vida, auxiliando nos processos homeostáticos pela sua impulsão ou não para o contato com esses estímulos competentes. Para Prinz, além de componentes avaliativos através de sua valência, emoções são “embodied appraisals”, ou seja, formas de representações mentais que envolvem o corpo. Tendo isso em consideração, uma proposta relevante no quadro das histórias literárias é entendê-las não apenas como produtoras de conhecimento acerca de literatura, mas também como no reforço de uma valência positiva no contato com ela.

Os quatro fatores referidos – estímulos competentes, reações corporais, construções internas e valência –, analisados conjuntamente, permitem entender o funcionamento de afetos e emoções e a sua importância para uma renovação na historiografia literária. Esses diversos aspectos também permitem compreender que igualar processos afetivos somente à subjetivação ou individualização decorre de um entendimento equivocado, uma vez que é necessário um estímulo competente, cujo entendimento e interpretação dependem de uma cadeia complexa de fatores envolvidos. Semelhantemente, o entendimento de afetos com o suporte das pesquisas neurocientíficas propicia também o reconhecimento de um equívoco para a redução a

aspectos biológicos, porque as reações mais automáticas do corpo diante dos estímulos são apenas um dos diversos fatores citados. De qualquer forma, afetos e emoções são examinados pela sua qualidade avaliativa diante de estímulos competentes, explorando como eles funcionam, juntamente com as capacidades cognitivas, na elaboração de conhecimento no campo da historiografia literária.

5.

Como Stephen Greenblatt e Hans Ulrich Gumbrecht utilizam experiências pessoais nas suas propostas de historiografia, cabe destacar as explicações de Damásio sobre memórias autobiográficas. Para o neurocientista, enquanto a memória em organismos unicelulares resulta de alterações químicas, nos humanos, ela depende da modificação temporária de cadeias de circuitos neurais, relacionadas à elaboração de imagens através dos cinco sentidos e encadeadas em narrativas (DAMÁSIO, 2018, p. 94). Tanto nos seres mais simples quanto nos mais complexos, a sua funcionalidade está em auxiliar organismos a reconhecer outros seres vivos ou situações a fim de abordá-los ou evitá-los eficazmente (p. 93). A memória está mais comprometida com a eficiência de ações futuras do que com o passado em si, sendo também essencial para a imaginação e para a criatividade (p. 97), funcionando como um mecanismo de aprendizagem baseado na elaboração de imagens a serem acessadas quando necessário (p. 98). Torna-se relevante igualmente compreender que, em termos neurais, como uma memória é criada importa tanto quanto o conteúdo em si, principalmente no que tange a construção da imagem do mundo exterior como necessariamente acompanhada das reações corporais derivadas da interação entre organismo e mundo. Dessa forma, interações acompanhadas de emoções mais potentes têm maior probabilidade de serem armazenadas nos circuitos neurais.

Em *O mistério da consciência* (2000), Damásio explora a relação entre memória e consciência. Segundo ele, existe um *self neural*, chamado de *proto-self*, que é um conjunto coerente de padrões neurais que mapeiam o estado do corpo dos organismos (DAMÁSIO, 2000, p. 201). Este *proto-self* não é consciente e não é delimitado pela linguagem, dependendo da atuação de vários núcleos do tronco

cerebral, que mapeiam o corpo, do hipotálamo e do prosencéfalo basal, interligados ao tronco cerebral e mantendo registro de níveis de nutrientes em circulação, e do córtex insular e dos córtices parietais mediais, responsáveis pela integração do estado interno no indivíduo nos hemisférios cerebrais.

Embora o proto-self auxilie no conhecimento mundo, ele ainda não explica a existência da consciência central, entendida como derivada do relacionamento entre objeto e organismo e da construção de um “relato sem palavras” dessa interação (p. 218). Essa narrativa que se repete incessantemente em cada interação independente da presença real ou imaginária de um objeto, mas da produção de imagens que são incorporadas ao fluxo do pensamento. Em seres complexos, como os humanos, a capacidade de memorização, em que objetos são categorizados e relacionados com objetos passados, sua consequência é o desenvolvimento da memória autobiográfica. Definida como “um agregado de registros dispositivos sobre quem temos sido fisicamente e quem em geral temos sido na esfera comportamental, juntamente com registros sobre o que planejamos ser no futuro” (p. 223), ela pode ser remodelada e ampliada no decorrer da vida, possibilitando a emergência de um *self autobiográfico*. Damásio analisa como grande prodígio “a vinculação arquitetônica, nos aspectos neurais e cognitivos, da memória autobiográfica ao proto-self inconsciente e ao self central emergente e consciente de cada instante vivido” (p. 224), entendendo o self autobiográfico como “um *conceito* no verdadeiro sentido cognitivo e neurobiológico do termo” (p. 224). O neurocientista argumenta que conceitos existem na forma de memórias implícitas contidas em redes cerebrais interligadas, podendo tornar-se explícitas a qualquer momento.

Através da análise dessa arquitetura mental, Damásio avalia que a mente e a consciência são fenômenos pessoais, dependentes da existência individual de um organismo. Como consequência, “a mente consciente e suas propriedades constitutivas são entidades reais, não ilusões, e têm de ser investigadas como as experiências privadas e subjetivas que são” (p. 389). A ativação de memórias autobiográficas, como efetuadas por Stephen Greenblatt e Hans Ulrich Gumbrecht, em vez de invalidar suas

propostas de análise, pelo contrário, são uma forma de enriquecimento por explicitar processos existentes em processos cognitivos humanos.

6.

Ao afirmar que “o cérebro conhece mais do que a mente revela” (DAMÁSIO, 2000, p. 63), Damásio salienta que a avaliação do mundo não ocorre apenas pela mente consciente. Pelo contrário, as emoções são parte integrante do conhecimento do mundo. O neurocientista demonstra com muita clareza, ao longo de suas pesquisas, a importância do corpo, das suas alterações e de sua percepção para que o próprio processo de raciocínio ocorra. Nesse sentido, a partir de suas colocações, percebe-se que as reações corporais diante de uma ficção literária consistem em uma forma de entendimento do que está sendo lido. As palavras são sentidas na própria carne do leitor e isso importa.

Ao ressaltar a importância dos sentimentos, Damásio os entende como “o rei clandestino”, na metáfora de Maffesoli, da nossa vida em sociedade. Para ele,

feelings, and more generally affect of any sort and strength, are the hidden unrecognized presences at the cultural conferences table. Everyone in the room sense their presence, but with few exceptions no one talks to them. They are not addressed by name (DAMÁSIO, 2018, p. 16).

Apesar da sua contundente pesquisa conseguir legitimar a importância de considerar as reações corporais nos processos cognitivos, permanece a incógnita de como suas conclusões podem ser traduzidas para o campo da História Literária, como o corpo pode estar presente na produção de conhecimento acerca do passado literário. Na investigação de experimentos contemporâneos, percebe-se que alguns deles tentam incorporar reações afetivas em suas elaborações analíticas. Stephen Greenblatt, por exemplo, explora a produção de afetos tanto em sua escrita quanto nas análises a fim de criar uma imagem viva e afetiva do passado literário. Este passado, além disso, é visto como fruto de diversas redes de interações, alinhando-se a perspectiva temporal presente nas Neurociências, que a vê como construção afetiva e cognitiva. Assim, a utilização das anedotas como forma predominante de escrita é reavaliada em face dos

afetos que propulsionam e do reconhecimento de sua importância na produção de conhecimento. Igualmente são reavaliadas a utilização de memórias autobiográficas do pesquisador em sua produção, uma vez que elas passam a ser entendidas como tendo capacidade avaliativa do objeto de análise.

Hans Ulrich Gumbrecht também oferece uma contribuição decisiva para a reavaliação da História Literária em vista da importância dos afetos em suas reflexões sobre a capacidade da linguagem de provocar reações, sobre a necessidade de reconsiderar o contato com estruturas temporais a partir de como elas nos tocam, sobre a importância de se analisar os ritmos e linguagens presentes em texto literário, explicável pela compreensão que estímulos competentes são necessários para que afetos surjam. Através do seu método dos palpites, ele abre espaço para as próprias afetações do corpo emergirem como produtoras de conhecimento, sem necessariamente focar nas produções advindas de uma mente consciente.

Experimentos publicados pela Harvard University Press, atentos aos questionamentos colocados pelos Estudos de Literatura e pela História, têm como um objetivo em comum manter a capacidade de provocar reações corporais das ficções literárias em suas próprias produções de conhecimento acerca deles. Dessa forma, a centelha da vida que os afetos representam são mantidos na sua elaboração. Além disso, elas também partem de uma resignificação da percepção de tempo como surgidas de processos afetivos e cognitivos.

Algumas das questões que embasaram esses experimentos foram resignificadas em função do papel dos afetos em sua produção de conhecimento. As suas proposições, partindo da contemplação das Neurociências, deixaram de ser fruto de especulações metafísicas para terem um embasamento mais definitivo para suas práticas. Nos capítulos a seguir, portanto, serão demonstrados com mais detalhes como afetos se tornaram a centelha da vida desses experimentos e porque isso importa para a historiografia literária.